

O PAPEL DOS INTELLECTUAIS JUNTO ÀS CLASSES POPULARES

Ivo Lesbaupin

“Sou só um sertanejo, nessas altas idéias navego mal. Sou muito pobre coitado... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre.

— O senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!”

(do livro *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, pág. 14-15).

Um dos problemas que se discute cada vez mais é: qual o lugar, qual a função, qual o papel dos intelectuais nos trabalhos populares de base?

Quando nós falamos em intelectual, pensamos logo em gente que estuda ou gente que teve estudo, que tem cultura. Pensamos logo em gente que não é operário, que não é trabalhador.

Na verdade, se a gente refletir melhor, a gente vai ver que todo mundo pensa. Todo mundo sem exceção, pensa. Qual é o trabalhador, qual é o metalúrgico, a empregada doméstica, que não pensa na vida? Todos pensam sobre como melhorar a sua vida, a vida da família, o futuro dos filhos. Todos pensam no sentido dessa vida: qual é o sentido da vida? para que nós vivemos? o que podemos querer da vida? porque existe sofrimento? porque existe exploração do trabalhador? como podemos melhorar a sociedade? como podemos acabar com a exploração, com a injustiça? Todos pensam nisso e em muitas outras coisas.

As vezes parece que o operário não sabe nada e que a pessoa que tem estudo sabe muito. Mas se nós refletirmos melhor, vamos ver que pouca gente de estudo tem

a experiência que um operário tem. A vida ensina muito ao operário. É essa a sua verdadeira escola. Na escola da vida ele aprendeu e aprende coisas que nenhum livro é capaz de ensinar. Por isso é que se diz que o povo tem sabedoria; sabedoria que o povo tira da experiência da vida.

Por exemplo: um operário mais vivido sabe que na vida não se consegue nada de um dia para o outro: as coisas — sobretudo as coisas maiores — só se conseguem com muito esforço, muito tempo, e muita paciência. As vezes, uma pessoa que tem estudo não aprendeu isso ainda. E por isso quer correr, conseguir tudo depressa... e acaba entrando pelo cano. O povo sabe que só consegue as coisas com o tempo e com a união. Hoje dá um passo, amanhã outro passo, até chegar a conseguir o que deseja. O povo sabe que vai demorar, mas sabe também que, com o tempo e a união, um dia ele vai conseguir. O operário geralmente não compra a casa pronta, como o rico. Ele vai construindo ela devagar, às vezes demora anos para construir, mas ele acaba construindo. Assim é a luta do povo para melhorar a sua vida: tempo, união, paciência, luta — e um dia vai conseguir.

E Deus garante isso. Quando Jesus Cristo morreu na cruz, muita gente naquele tempo pensou que tudo tinha acabado (ver Lucas 24, 13-21). Pensaram que o esforço daquele homem tinha sido em vão. Mas Deus ressuscitou o Cristo. E pouco depois, um novo ânimo tomou conta dos discípulos que começaram a viver, a pregar e espalhar a boa nova (Ver Atos dos Apóstolos (2, 1-4 e 2, 42-47). A coisa demorou, mas pegou. E mesmo no meio de muita dificuldade, os

POR CAUSA DE SUA PRÁTICA, JESUS É PERSEGUIDO

Quando lemos os evangelhos, vemos que a vida de Cristo não foi calma e tranquila. Ele não fugiu dos conflitos. Levantou-se contra os erros e as injustiças, defendeu o povo, nasceu pobre e colocou-se do lado dos pobres, enfrentou autoridades e pessoas importantes, criticou os que dominavam a religião e oprimiam o povo. Jesus dizia e fazia. Pregava e punha em prática. Por isso o povo o admirava. Essas atitudes de Jesus, seu amor, a liberdade com a qual ele seguia o seu caminho sem se intimidar, as posições que ele tomava, tudo isso foi preocupando os grandes e as autoridades. Percebiam que o povo gostava de Jesus e estava se afastando deles. Percebiam que sua autoridade estava ameaçada: o povo poderia se voltar contra eles. Pois se até o cego curado por Jesus enfrentou os fariseus (João 9, 30-33). Então, com receio da popularidade de Jesus e percebendo a sua influência, começaram a persegui-lo.

Primeiro procuraram difamar Jesus, levantaram calúnias contra ele. Disseram que ele não era profeta porque era amigo dos pecadores (Mateus 11, 19), disseram que ele não seguia as tradições da religião (João 9, 16), explicaram os seus milagres dizendo que ele tinha o demônio no corpo (Marcos 3, 22), chamaram Jesus de louco (Marcos 3, 22) e até denunciaram que ele era agitador e subversivo (João 7, 12 e Lucas 23, 2-14).

Como isso não foi suficiente, procuraram prendê-lo: "Os fariseus perceberam que o povo admirava Jesus, então eles e os sumos sacerdotes mandaram guardas para prendê-lo" (João 7, 32). "Procuravam prendê-lo, mas ficaram com medo da multidão, que considerava Jesus um Profeta" (Mateus 21, 46).

Enquanto isso Jesus preparava seus discípulos para se manterem firmes: a perseguição é uma coisa normal para os que são fiéis a Deus. "Felizes sereis, quando vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo, disseram todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas antes de vós" (Mateus 5, 11-12).

E... vocês como ovelhas no meio de lobos. Por isso sejam espertos como as cobras e simples como as pombas". Vão levar vocês às prisões e aos tribunais.

Mas não tenham medo, porque o Espírito Santo estará com vocês (Mateus 10, 1-20). "Se me perseguiram, também vos perseguirão" (João 15, 20). É preciso ficar firme até o fim (Mateus 10, 22). "No mundo vocês vão ter dificuldades. Mas tenham coragem, porque eu venci o mundo" (João 16, 33).

Quando a situação foi piorando, Jesus não foi bobo, ele passou a ter mais cuidado. Algumas vezes ele se afastava e sumia no meio da multidão (João 8, 59). Então ele passou a evitar andar em público (João 11, 54). Não ficava na cidade à noite (Marcos 11, 19). E no dia em que foi preso, ele estava fora da cidade, num lugar em que só os seus discípulos sabiam que ele se encontrava (João 18, 1-2).

A MORTE DE JESUS: A VIDA NASCE DA MORTE

Jesus foi perseguido, preso, condenado e morto na cruz. A morte de Jesus é consequência de toda sua vida: sua vida foi total entrega aos outros, serviço sem limites aos outros. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (João 15, 13). A vida de Jesus foi uma vida comprometida com o povo, a serviço da justiça, da liberdade, para a vida ser melhor e por um mundo melhor. Uma vida a serviço do Reino de Deus.

Ele foi morto. Mas a morte por amor não acaba nela mesma. O amor é mais forte que a morte. E para mostrar que o amor vence mesmo na morte, Deus ressuscitou Jesus. E assim Deus demonstrou que, no fim, todo sofrimento, toda morte, dentro do amor, são vitoriosos. As forças do mal não conseguem abafar a força do amor: "Não tenham medo daqueles que podem matar o corpo mas depois disso nada mais podem fazer" (Lucas 12, 4). O sofrimento por amor dos outros não termina no sofrimento, nem na morte. A morte gera a vida. "Se o grão de trigo não morrer, permanecerá sozinho; mas se morrer produzirá muito fruto" (João 12, 24).

E é este fruto que nós vemos sempre continuando: nas comunidades, no amor aos outros, na luta por uma sociedade mais humana e mais justa, na união, etc. E o Cristo está vivo atuando no meio de nós, animando o nosso esforço, incentivando nossa luta: "Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos" (Mateus 28, 20).

cristãos, animados pelo Espírito Santo, foram crescendo e se espalhando pelo mundo (Atos dos Apóstolos 8, 1-6).

Portanto, como vimos, não é só a pessoa que tem estudo que pensa. Todo mundo pensa.

O homem do povo sente na carne, percebe as coisas, mas nem sempre compreende a situação geral; o homem de estudo sabe muita coisa pelos livros, mas muitas vezes não sente na carne. O erro do homem de estudo é achar que ele pode saber realmente sem sentir e sem se apaixonar pela vida, pela luta por um mundo melhor. Se o homem de estudo está afastado do povo, se ele não sente o ânimo e a esperança do povo, ele não será capaz de explicar a vida. Não se faz Política (política com P grande) sem este ânimo, esse entusiasmo, sem a união entre intelectuais e povo. Se o intelectual não se une ao povo, ele se torna apenas um homem que conhece muitos livros, e então os intelectuais se tornam um grupo fechado, privilegiado, mas inútil para o povo.

Intelectual não é só o homem de estudo. Intelectual é todo aquele que leva as pessoas a se organizarem, que dirige um grupo ou um movimento, que procura levar outras pessoas a terem opinião consciente. Intelectual é todo aquele que reúne pessoas para discutir assuntos, que reflete junto com os outros, que transmite idéias. Porque uma pessoa que faz isso não vai só vivendo a vida do jeito que ela acontece. Essa pessoa que reúne outras pessoas é uma pessoa que pensa sobre a vida e que procura organizar as outras pessoas para pensar de alguma forma. Por isso é que nós podemos dizer que intelectual é o jornalista, o professor, o técnico, o advogado, o padre, o funcionário, o educador, o político, e também o operário, quando eles levam outras pessoas a pensar e a ter idéias sobre uma situação e sobre a vida em geral.

Agora, existem intelectuais que estão a serviço do grupo que oprime a maioria da sociedade. Existem intelectuais que só transmitem idéias que levam as pessoas a se conformar com o mundo do jeito que está. Por exemplo: o jornalista que escreve que a situação do povo está boa. Ou a padre que diz: "O povo é pobre porque Deus quer assim". Ou o professor que ensina que esse sofrimento sempre existiu e não adianta fazer nada para mudar. Ou o dirigente sindical que fica sempre do

lado dos patrões. Esse tipo de intelectual serve para fazer o povo se acomodar e aguentar a exploração.

Mais existe outro tipo de intelectual. São poucos, é verdade, mas são pessoas dispostas a dedicar a sua vida pelos seus ideais, pelo povo. São os intelectuais que se colocam a serviço do povo, que escrevem coisas a favor do povo, que ficam sempre do lado do povo haja o que houver. São os intelectuais que são gente do próprio povo ou então, mesmo sendo de outra classe, vão para o meio do povo para ajudá-lo naquilo que puderem ajudar. Por exemplo: o engenheiro que dedica as suas noites num curso noturno para adultos. Ou o padre que sempre está no meio do povo e luta junto com o povo para mudar a situação. Ou o professor que dedica seus fins de semana oferecendo seus serviços numa comunidade popular. Ou o operário que, apesar de cansado, ainda sai para conversar com seus companheiros e nos fins de semana reúne companheiros para discutir sobre a situação da vida. O intelectual que se compromete com o povo, disposto a dedicar sua vida ao povo, acaba se tornando uma mesma pessoa como o povo. As pessoas do povo acreditam nele assim como acreditam num líder do bairro que seja combativo e atuante. E acreditam não porque ele fala coisas bonitas, mas por causa da sua prática, porque estão vendo na vida dele que é uma pessoa que está do lado do povo até debaixo d'água.

Na Bíblia nós encontramos muitos exemplos desse tipo de intelectuais. Uns nasceram do povo, como Jesus Cristo que era carpinteiro, como Pedro que era pescador — quase todos os apóstolos eram trabalhadores. Outros não eram gente do povo, mas decidiram juntar-se com o povo e dedicar a sua vida ao povo. Eram homens de estudo, pertenciam a classes mais altas, mas converteram-se ao serviço do povo. Por exemplo: Moisés, que lutou pela libertação do povo que estava escravizado no Egito (ver o livro do Exodo 2, 10 e 3, 7-10; e Hebreus 11, 23-29). Os profetas Isaías e Jeremias também pertenciam a famílias importantes e deixaram a vida da riqueza e tranquilidade que tinham para seguir o apelo de Deus e servir o povo (ver Isaías 1,1 e Jeremias 1,1): Jeremias foi preso várias vezes e sofreu muito. São Paulo era um homem instruído, tinha muito estudo. No início da sua vida ele era contra os cristãos e

até os perseguia. Mas depois ele ouviu a voz de Deus e se converteu (Atos dos Apóstolos 9, 1-19). A partir daí ele dedicou a sua vida ao povo, disposto a sofrer o que fosse necessário para que o povo tivesse uma vida melhor (ver Filipenses 4, 11-13).

Assim, para Deus, o que importa é que o homem se coloque a serviço do povo. Jesus Cristo não chamou só gente do povo para ser seu apóstolo: Ele chamou também pessoas de classes mais altas, mas eram pessoas que estavam dispostas a servir o povo. Por exemplo: ele chamou Mateus para ser apóstolo, e Mateus era um homem que ganhava dinheiro de modo desonesto (Mateus 9,9) — e Mateus deixou a vida que levava para seguir Jesus e servir o povo.

Esse intelectual se liga ao povo, se une com o povo, forma uma coisa só com o povo. Sua missão é elevar o nível de consciência do povo (na prática e na teoria). Porque o povo, mesmo vivendo situações difíceis, às vezes se acomoda. E se acomoda porque não tem consciência da opressão e da exploração. O papel do intelectual é ajudar os companheiros a tomarem consciência da situação em que vivem. É ajudar os companheiros a verem a realidade em que vivem para poderem mudá-la. Para isso, ele parte daquilo que o povo vive, naquilo que o povo sente, daquilo que o povo pensa sobre a vida. E vai ajudando o povo a refletir sobre isso. a questionar isso, a verificar até que ponto isso está certo ou errado, até que ponto as coisas devem ser assim ou podem mudar.

Não é só a partir do que o povo pensa que se pode ajudá-lo a tomar consciência. É também a partir da própria prática. Por exemplo: a união de uma comunidade para ter água no bairro é um ponto de partida para ela tomar mais consciência da sua situação e da força da união. Ou a posição de alguns companheiros na fábrica que exigem insalubridade também permite eles verem melhor a situação e pensarem em uma solução melhor para a classe. Toda prática, todo acontecimento, toda ação, mesmo que seja um acontecimento negativo, serve para as pessoas tomarem mais consciência da vida que vivem e procurar transformá-la.

A medida que o povo vai refletindo em grupo, à medida que vai agindo (no bairro, no trabalho, no sindicato), o povo vai aumentando a sua consciência (teórica e

prática). Vai conhecendo melhor os mecanismos da exploração, vai conhecendo melhor a maneira como a sociedade funciona, a maneira como a sociedade está organizada.

É este o papel do intelectual, seja ele um operário, um dirigente sindical, um professor, um técnico, um padre, um advogado, uma freira, um médico: servir o povo, ajudando o povo a tomar consciência, a se unir, e a agir em conjunto para mudar as coisas que estão erradas.

Para nós sabermos se uma pessoa que não é operário é realmente comprometido com o povo, a gente tem que observar a prática dele, a vida dele. Como é que uma pessoa mostra que está comprometida com o povo? Quando faz uma opção de vida de se colocar a serviço do povo. É bom, se for possível, que ele more junto com o povo, num bairro popular. Mas isso não é o mais importante. Mesmo que ele more em outro bairro, em outra cidade, o que importa é que a sua vida seja a serviço do povo. Esta é a primeira condição. A segunda condição é que ele venha para o meio do povo para ajudar e não ensinar. Mesmo que seja um homem de estudo, se ele vier para o meio do povo, terá também de aprender junto com o povo, ele tem de saber que não é o dono da verdade. Isso é muito importante, porque se ele vem achando que sabe tudo e que só vai ensinar, ele vai acabar é atrapalhando o povo. Os patrões, os engenheiros na fábrica que colaboram na exploração, também dizem que eles é que sabem tudo e que os operários não sabem nada. De gente desse tipo o povo não precisa. Agora, se a pessoa vem ao povo para ajudar, disposta a dar e a receber, a trocar suas experiências e conhecimentos com os conhecimentos e as experiências do povo, então sim, essa pessoa é útil para o povo. Porque essa troca entre uns e outros, essa ajuda mútua, isso é que ajuda o povo a caminhar. Por isso, a pessoa que tem estudo deve respeitar a caminhada do povo, deve entender que o povo vai descobrindo as coisas devagar, lentamente. E descobre devagar porque só descobre aquilo que a sua prática vai mostrando. Descobre lentamente, mas aquilo que descobre, não esquece mais, porque é como uma árvore: não tem só galhos e folhas, tem uma raiz plantada bem fundo — não esquece mais. O papel da pessoa que tem estudo é ajudar o povo nessa

caminhada. E saber que a força da transformação esta é no povo, como uma terra fértil produz muito fruto. E o que ele vai fazer é ajudar a adubar essa terra para dar muito fruto.

É preciso também que o intelectual que nasce do povo, o operário que reúne e dirige, que ajuda os companheiros a tomar consciência, é preciso que tome cuidado para não se achar mais importante que os seus companheiros. Porque senão ele se torna como uma pessoa que vem para o meio do povo só para ensinar. Ora, como nós já vimos, o papel do intelectual é servir o, povo, ser uma só coisa

junto com o povo, disposto a ajudar e não a impor suas idéias.

Assim foi Jesus Cristo: veio e se colocou no meio dos seus irmãos como alguém que veio para servir (ver Marcos 10,45 e também Lucas 9,33-35). Tendo amado a todos, amou-os até o fim: toda a sua vida ele a deu pelos irmãos ao ponto de ter sido morto. Jesus Cristo foi assim um homem do povo, um homem consciente que fez tudo para ajudar o povo a tomar consciência, para o povo se unir e lutar por uma vida melhor (ver João 10,10).

Ivo Lesbaupin.

CARTAS

Aproveito a oportunidade para parabenizá-los pelo ótimo periódico que é antes de tudo uma lutador pela justiça de DEUS aqui na terra, eliminando a hipótese de que a vida eterna começa depois da morte biológica.

Que o objetivo de justiça social seja alcançado e também o de liberdades democráticas.

Sem mais agradeço se me derem o enorme prazer de receber o BOLETIM na condição de Cortezia. Se não for possível agradeço da mesma forma, com diferença no ponto que diz respeito a esta leitura sadia que me foi proporcionado nestes meses,

Atenciosamente,
Teresinha Maria Mansur

Estou com esta carta renovando a minha assinatura do CEI. Eu trabalho aqui na Diocese Araquai como voluntário desde 1976 e vou voltar para a minha terra Austria, no fim do ano.

Como fonte de material para o nosso BOLETIM, diocesano, o CEI é muito importante, ajudando a aumentar a consciência e compreensão pelos problemas mais graves na atual situação.

A nosso diocese deve ser uma das mais pobres regiões do Brasil, atuamente grandes firmas de reflorestamento estão no caminho de engolir ela...

Roberto Mayer

Recebi, também, o CEI de dezembro e o magnífico suplemento. Em termos de material bíblico e teológico é possível que seja este o melhor e mais substancioso suplemento até agora.

Fiquei feliz em ver o artigo de Emilio Monti, pois, salvo engano, representa os estudos que ele apresentou na reunião do CIEMAL em Costa Rica, certo?

"A Caminhada da Igreja" é simplesmente incrível. Como ficou escondido até agora, se apresentado em Itaici?

Jaime Wrigth
Austin-Texas

Aqui, na minha Diocese, já existe a Ir. Joana que assina o CEI, que tenho lido regularmente. Agora quero fazer uma assinatura para meu endereço.

Por indicação da Ir. Joana, comecei a enviar-lhes o Boletim da Diocese de Juazeiro, intitulado "CAMINHAR JUNTOS", que fala de nossa luta pela sobrevivência das 70 mil pessoas desalojadas pela Barragem de Sobradinho.

Desejando-lhes muito êxito neste trabalho de difundir as notícias das Igrejas, que por toda a parte vão implantando o Reino de Deus, na luta pela justiça e pelos direitos fundamentais da pessoa humana. — Com minhas saudações muito cordiais,

D. José Rodrigues de Souza
C.SS.R.
Bispo de Juazeiro - BA

Nem sempre leio todos os artigos, me desculpem, por falta de tempo. Mas tenho aproveitado muito para informar-me e meditar sobre o que vai neste mundo de idéias, interesse e lutas para me convencer cada vez mais de quanto a nossa civilização carece do Espírito do Evangelho. Interesse-me sobretudo do fascículo anexa a Conferência dos Bispos da América Latina, isto é a Evangelização na América Latina, estou a espera da notícia que virá da referida Conferência em México e naturalmente a publicação que vocês farão sobre o seu resultado com suas implicações. Espero muito. O nosso Brasil se expande e como pode uma nação se expandir com segurança sem o Evangelho de Cristo? E como o Brasil de maioria católica pode progredir seguramente se a Igreja Católica não se firmar no Evangelho? Parece-me que a referida igreja marcha nesse espírito com outra roupagem nem sempre aceita por nós protestantes, preocupados com a aparência.

Espero no nosso bondoso Deus que os irmãos prosperem nesse ingente esforço de nos informar, aplainando os caminhos para uma nova era de compreensões.

Abraços fraternais de
um pastor,

Rev. Ryoshi Iizuka
Cx. 113 Jathai, GO. CEP-76300

OS CARISMAS GERAM AS TENSÕES QUE CRIAM A VIDA

Rev. Zwinglio Mota Dias
Pastor Presbiteriano

Ser cristão não consiste em repetir fórmulas; não é remedar os cristãos de ontem, mas viver hoje o único e intransferível, pessoal e particular relacionamento com o Deus que se revela a todos os homens no homem Jesus Cristo. O que se tem recebido do passado na forma de experiências, testemunhos, esquemas de ação, elaborações teológicas e tipos de estruturas organizacionais da fé deve ser tomado como elementos para a reflexão, como sinais ou pistas para atitudes que devem ser descobertas e assumidas no contexto das necessidades presentes. Não se pode receber tudo isso para ser automaticamente repetido sem uma reflexão que imponha à comunidade o compromisso de atuar à semelhança de seus antepassados mas de forma que corresponda às necessidades e imperativos da sociedade atual. Ser cristão é precisamente responder à ação humanizadora do Espírito Santo. A dinâmica da fé reside nessa correspondência. Não se pode pretender que o Espírito só atue de acordo às interpretações que os homens no passado deram à sua ação. É imprescindível que se procure discernir hoje os sinais de sua presença na história atual dos homens e se interprete sua vontade para a comunidade no aqui-e-agora que todos vivem.

Isto não significa que o passado da comunidade da fé não mais seja importante,

nem que não tenha mais serventia para a expressão contemporânea da fé. Mas implica em afirmar a vigência da ação de Deus acima de todas as coisas. Se se aceita a ressurreição de Cristo, se se recebe sua promessa acerca da obra do Espírito Santo, não há outra alternativa que procurar moldar a vida da comunidade de acordo com a ação desse Espírito, enviado justamente para atualizar no mundo a esperança de Deus para os homens,

Assim, pois, podemos falar de tensão entre a comunidade da fé — secularmente arraigada na história com uma função de memória e conscientização acerca do que Deus tem feito e quer fazer com e para os homens — e os carismas ou dons que o Espírito concede a indivíduos ou comunidades inteiras para, dando continuidade à sua ação passada, manter aberta a possibilidade de os homens descobrirem a vida abundante, uma vez plasmada na pessoa de Jesus Cristo. Como a comunidade da fé tende sempre a cristalizar atitudes e idéias, a irrupção de carismas especiais, proféticos na maioria das vezes, permite a criatividade e a renovação do testemunho, revigorando a fé e reacendendo a esperança de todos, porque os informa das ilimitadas possibilidades que Deus oferece aos que se dispõem a buscá-lo em Jesus Cristo.